



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SOCIOLINGUÍSTICA: A VARIAÇÃO E O ENSINO EM SALA DE AULA

Lais de Almeida Silva (1); Maria de Fátima de Souza Aquino (1)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)/lais_almeida_silva@hotmail.com;

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)/fatimaaquinouepb@yahoo.com,br

Resumo: O presente estudo, levando em conta os aspectos da diversidade linguística da comunidade de fala brasileira, aborda o uso das variedades linguísticas em sala de aula. Visa discutir a importância de se abordar o fenômeno da variação linguística em salas de aula da educação básica. A análise em questão faz menção à área da sociolinguística e da dialetologia, uma vez que trata das variedades que dizem respeito aos dialetos, de um modo geral, encontrados no Brasil. É de cunho bibliográfico, documental, e tem como base textos de autores considerados referência na temática desenvolvida, como Maria Cecília Mollica (2004), Renato Basso e Rodolfo Ilari (2011), Stella M. Bortoni-Ricardo (2004), (2005), (2014) e também documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (PCN) (1998), no que concerne ao que é estabelecido e indicado para o trabalho dos professores para com os alunos sobre variação linguística. Para apresentar a relevância da sociolinguística no ensino, analisa-se a problemática do preconceito linguístico existente na sociedade, buscando refletir sobre o tema, além de mostrar a relevância de o professor seguir essas orientações do documento oficial com base na Sociolinguística, e contribuir para a desmitificação da ideia de que a variedade culta é a correta, visto não existir variedade certa nem errada, mas variedade adequada à cada ocasião. Trabalhar variedade linguística em sala de aula é um processo importante para a sociedade, pois viabiliza conseguir a diminuição do preconceito existente e ampliar o repertório linguístico dos alunos. Busca-se, assim, aprimorar o ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico, Sociolinguística, Variedade Linguística.



Introdução

No dia a dia das escolas é notória a diversidade de alunos seja quanto à idade, classe social, sexo e nível de escolaridade. Juntamente a essa variedade de alunos existe a diversidade linguística, visto que as pessoas são oriundas de uma localidade, de uma família, de um contexto sociocultural diferente e assim cada sujeito tem sua fala marcada pelas características de seus locais de origem.

A área da linguística responsável pelo estudo e análise desses fatores é a sociolinguística, a qual aborda os fenômenos de linguagem levando em consideração o contexto social em que os enunciados são construídos e emitidos numa situação comunicacional.

Como pressuposto para esse tipo de abordagem, os sociolinguistas consideram a língua como um sistema heterogêneo, ou seja, como apresentando elementos/fenômenos com características diferentes e passíveis de mudança. Essa heterogeneidade é imanente à língua, como defende Weinreich (*apud* BORTONI-RICARDO, 2014). Assim como a sociedade está em constante mudança, a língua também está, como no caso de palavras que em certa época eram demasiadamente utilizadas pela população e com o passar do tempo caíram em desuso.

O presente estudo visa mostrar a importância de se abordar o processo de variação linguística dentro das salas de aula de língua portuguesa na educação básica, com o intuito de buscar refletir sobre o preconceito linguístico muitas vezes existente e amenizar seu efeito, além de apresentar aos professores uma visão de como agir, por exemplo, frente a uma situação em que o aluno pronuncie uma variedade considerada não padrão e o educador tenha que ensinar a língua culta, sem que haja constrangimento nem prejuízo ao aluno quanto a sua dedicação e aprendizagem.

A sociolinguística apresenta várias vertentes e possibilidades de estudo, esse ensaio aborda a Sociolinguística Variacionista, que abrange especificamente o estudo das variáveis, seus usos e influências, e nesse caso, aborda a variação linguística presente em sala de aula. Existem elementos que influenciam a escolha do falante por um ou outro uso linguístico e podem ser de caráter social, externos à língua, como idade, sexo, classe social, faixa de escolarização, raça, moradia etc.; e de caráter linguístico, internos à língua, como tonicidade da palavra, contexto fonológico anterior e posterior etc. Esses elementos devem ser de conhecimento dos professores para que possam compreender todo o processo de variação.

Nem sempre, porém, os estudos linguísticos levaram em conta os aspectos sociais da língua. Exemplo disso é a linguística estruturalista, que via a língua como um sistema homogêneo e abstrato em que nenhum fator externo a ela influenciava as escolhas dos falantes nas situações de interação social.



Paralelamente às possibilidades de usos da língua, às variações linguísticas, muitas vezes é perceptível o preconceito linguístico sofrido por algumas pessoas que, em decorrência do contexto social em que vivem não tiveram acesso à norma culta, às normatizações da língua previstas nas gramáticas normativas e conseqüentemente não a usam em suas comunicações. É, pois, na escola que deve começar uma reflexão sobre esse preconceito linguístico e o conseqüente estigma sofrido pelas pessoas que não tem o domínio da variedade culta da língua, para que o processo de mudança comece desde cedo.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter bibliográfico e realizou-se em quatro etapas. Inicialmente fez-se necessária a escolha do objeto a ser analisado com a reflexão sobre que ponto poderia ser relevante para a educação, mais especificamente para o ensino de língua portuguesa na educação básica. Algo que necessitasse ser discutido e que seria significativo para os professores.

Em seguida, ocorreu a escolha do arcabouço teórico a ser usado como base conceitual na análise em questão, buscando-se autores tidos como referência em seus escritos a respeito da temática abordada. O terceiro passo foi a leitura *per se* dos textos nos quais a pesquisa está fundamentada para que o conteúdo presente no *corpus* escolhido fosse conseqüentemente explanado.

E por último, foi realizada a análise do objeto de estudo, a reflexão da problemática, juntamente a argumentação sobre a importância do trabalho da sociolinguística variacionista no dia a dia das salas de aula de língua portuguesa na educação básica, no intuito de diminuir e gradualmente extinguir todo o preconceito existente quanto aos aspectos das variações linguísticas pelos professores e pelos próprios alunos.

Resultados e Discussão

A sociolinguística é uma área de grande importância para a educação, visto que através dela é possível realizar um trabalho que vise diminuir o preconceito linguístico muitas vezes encontrado dissolvido na sociedade e que contribua para a aprendizagem sobre as variedades linguísticas, o aprimoramento intelectual e para um melhor rendimento dos alunos na disciplina de língua portuguesa.



O preconceito linguístico é um fato encontrado em algumas comunidades de fala e traz como razão principal a questão socioeconômica do país. A distribuição de renda no Brasil não acontece de maneira igualitária, uma vez que se pode constatar a presença de um grupo de pessoas que detém uma significativa quantidade de bens, de um lado, e uma parcela da população, de outro, que vive em situação precária. Os cidadãos que possuem acesso maior a bens materiais são exatamente os que têm mais acesso à norma padrão da língua, à norma ditada nas gramáticas normativas e nos cânones literários, em detrimento das pessoas menos favorecidas economicamente que acabam por não ter muitas oportunidades de entrar em contato com a norma padrão.

Outro fator é a situação histórico-política do Brasil, que vem desde o período da colonização do país, em que as cidades do litoral, por terem mais contato com os portugueses, tiveram mais acesso à língua culta, o que implica até os dias atuais numa diversidade linguística que faz a língua das capitais litorâneas serem consideradas de mais prestígio que as interioranas, isso no aspecto social. Conforme BORTONI-RICARDO (2004, p.34), “estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros.”

É possível ver, pois, que essa problemática vem perpetuando-se desde muitos anos, e, quando chega em sala de aula, cabe ao professor buscar maneiras de diluir a concepção de que os dialetos e falares de algumas comunidades são melhores que outros e que só existe uma maneira tida como correta para se expressar, conscientizando os alunos de que dentro das comunidades existe mais de uma possibilidade de escolha para se dizer uma mesma coisa com o mesmo valor de verdade em situações diferentes.

O educador deve passar para os alunos que não existe um jeito certo e conseqüentemente um errado de falar, o que existe é a maneira adequada para utilização da linguagem em cada ocasião durante as interações sociais vivenciadas, que vão de acordo com os papéis sociais desenvolvidos por cada cidadão.

Os professores, por sua vez, necessitam ter conhecimento a respeito das prerrogativas defendidas pela sociolinguística para que possam desenvolver atividades e atitudes interativas de conscientização, como uma das atividades que é proposta pelos PCN's (1998, p. 82-83) “levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes [...]”.



O trabalho com a diversidade envolve não apenas a classe econômica a que cada pessoa pertence, outros fatores, conhecidos na sociolinguística como grupos de fatores ou fatores condicionadores, também influenciam na escolha de um determinado uso linguístico por um falante. E durante as explicações em sala de aula esse é um ponto a ser ressaltado pelos professores.

Há que se ter o cuidado, porém, de como trabalhar as variações em exercícios e provas, para não acabar propagando ainda mais o preconceito. Um fato ocorreu numa prova da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que gerou, em 1998, uma reação da Associação Brasileira de Leitura (ABL) por conter aspecto preconceituoso e antipedagógico. Segue um trecho da carta de indignação direcionada à secretária da educação na época, como comenta BASSO e ILARI (2011, p.236):

A Associação Brasileira de Leitura do Brasil vem expressar sua indignação com o caráter preconceituoso e antipedagógico da questão 2 da prova de Língua Portuguesa do Sistema de Avaliação de Rendimento do Estado de São Paulo (Saresp), aplicada a todos os alunos de 5ª série da rede pública estadual e de várias escolas particulares em maio de 1998. A questão, que toma como tema a fala do personagem Chico Bento em uma pequena história em quadrinho reproduzida no caderno de questões, pede aos alunos que identifiquem a alternativa correta para completar o enunciado “A fala de Chico Bento no penúltimo quadrinho [Qué sabê duma coisa nesse rio num tem peixe!] mostra que ele...”, trazendo como resposta a afirmação “... vive na zona rural e não sabe falar corretamente.”.

Chico Bento é um dos conhecidos personagens de Maurício de Sousa e muitas vezes, como mostra o exemplo acima, tem sua fala trabalhada de forma menosprezativa, em que seu modo de falar é tido como errado por não seguir as regras da gramática prescritiva, quando na realidade sua fala deveria ser abordada de forma a mostrar que esse jeito caipira, do interior, é apenas uma entre as inúmeras variedades existentes na língua portuguesa e é legítima, pois a informação foi passada e entendida.

A partir desse ponto de vista, o professor poderia explicar, por exemplo, que a variável “não”, considerada um advérbio de negação, palavra invariável, pode apresentar duas variantes, ou seja, duas possibilidades para a realização da negação em uma frase, sendo elas “num” e “não”. A primeira é uma variante considerada não padrão, e usada de maneira adequada em situações informais de conversa com os amigos e familiares, em momentos de descontração e relaxamento; e a segunda é considerada padrão, que segue os preceitos normativos da língua e que é usada também em situações informais, mas que é interessante e adequado que sempre apareça em momentos de formalidade, e vale dizer tanto escritos como orais.



A posição do professor frente às variações sociolinguísticas é de grande relevância, visto que ele é o instrumentador da temática e o mesmo pode tanto motivar o aluno quanto desmotivá-lo. Um professor que leve em consideração que o aluno traz de casa uma bagagem linguística, é mais compreensivo no sentido de entender que existe uma variável distinta da variável padrão e que pode ser utilizada na comunidade, dependendo da situação. Porém, um professor que seja extremamente tradicional em sua conduta e só admita como sendo adequada a norma padrão, pode gerar medo e total insegurança no aluno, como na narrativa de Carmo Bernardes, em que a formalidade do professor causava insegurança linguística, conforme afirma BORTONI-RICARDO (2004, p. 24) “como um mestre à moda antiga, nosso colega Frederico caprichava muito na linguagem. Por exemplo, em vez de dizer “levantar” dizia “erguer”. Sua formalidade, associada ao seu rigor, contribuiu para criar no menino um grande temor e insegurança linguística.”.

Quando um aluno sente temor e insegurança, começa a ficar cada vez mais recatado em sala de aula por medo de dizer alguma coisa “errada”, mais precisamente que seja considerada errada pelo professor e possivelmente gere algum tipo de constrangimento em decorrência da maneira como o educador faz as correções, a seu ponto de vista, necessárias. O que, assim, vai proporcionar mais desinteresse da parte do estudante e conseqüentemente queda de seu rendimento, e com a queda de seu rendimento, o aluno vai se achar de fato incapaz de aprender e vai se desinteressar mais, o que pode gerar mais constrangimento para o mesmo e assim um ciclo negativo de aprendizagem é criado.

Para BORTONI-RICARDO (2005, p.14) “a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado.”. Os sociolinguistas tem o objetivo de quebrar essa ideia empregada ainda hoje em muitas escolas, lutam para que essa problemática seja banida das salas de aula e a questão linguística seja explorada de maneira muito mais igualitária e interativa. Nesse processo, almeja-se que os alunos tenham acesso a mais de um tipo de variedade, o que implica o ensino também da gramática normativa. Assim, faz-se necessário o ensino da variedade culta da língua, visto que ela é a variedade presente em documentos oficiais, textos literários e em outros momentos formais. No entanto, não se pode ter o foco exclusivo nela, é preciso mostrar a riqueza e a diversidade existentes na língua portuguesa.

Considerações Finais



O presente estudo abordou a importância de se trabalhar a variação linguística em sala de aula de língua portuguesa, mostrando o que é a sociolinguística e sua vertente variacionista, que estuda as variedades linguísticas presentes nas diversas comunidades de fala da sociedade.

Esse trabalho traz contribuição para professores que de fato estão envolvidos e interessados em desenvolver uma didática mais interativa e estejam abertos a abraçar o projeto de diminuição desse preconceito linguístico existente, que se preocupam com a efetiva educação de seus alunos e com o bem estar dos mesmos, visto que aborda questões referentes ao papel do profissional no processo ensino/aprendizagem e sua interação com os alunos, fator importante para a compreensão dos educandos a respeito das temáticas abordadas em sala de aula.

Quando os alunos estão envolvidos na didática do professor, quando se sentem à vontade, sabendo que não serão repreendidos de forma negativa, o interesse pelo estudo e o rendimento escolar aumentam. É preciso, pois, que os professores tenham consciência das variedades existentes no meio social de seus alunos e dos pressupostos teóricos da sociolinguística para que assim possam melhorar suas aulas e aperfeiçoar o conhecimento de seus estudantes.

O mercado educacional necessita de uma melhoria, formando estudantes cada vez mais capazes de dar conta de seus papéis de cidadãos, que possam refletir criticamente em situações diversas, que saibam como se adequar aos contextos vivenciados, que saibam escolher a linguagem adequada a cada situação, e é a prática em sala de aula, o modo como os assuntos são abordados que vão contribuir para esse sucesso.

Referências Bibliográficas

BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. Linguística do Português e Ensino. In: **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011. Cap. 4, p. 197-237.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. Cap. 1, p. 09-14.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro ciclo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MOLLICA, M. C. Fundamentação Teórica: conceituação e definição. In: MOLLICA, M. C;